



○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

editorial

O SENTIDO DE FREGUESIA

Esteve aberta ao público, no Centro Cultural uma exposição de pintura de José Pedrosa, de 14 a 31 do mês de agosto. A frequência de visitantes foi fraca, quase nula, o que tornou o autor dos quadros bastante desiludido com a gente de Fão, com a sensibilidade e cultura dos seus habitantes.

É claro que estas situações são penosas para quem recebe os desabafos. Penosas mas não surpreendentes. Não nos iludamos. Fão já não é o que era. Com altos e baixos ao longo da sua história, esta terra viveu sobremodo do mar, com saliência na construção naval, na pesca, na arte de navegar, nas viagens de negócios e nas remessas dos emigrantes, nomeadamente dos "brasileiros".

O cemitério de Fão é testemunho evidente e imperecível dessa época de esplendor. Além dos jazigos do cemitério, poderemos ainda acenar com as habitações abasileiradas que existem em Fão, com os lajeados dos passeios na rua Azevedo Coutinho e na Avenida dr. Manuel Pais (só Esposende nos igualava); poderemos mencionar igualmente a criação do Club Fãozense e a pleiade de ilustres fangueiros que foram os seus fundadores, gente fina, pessoas de respeito que ajudaram a dar nome a Fão e a transmitir uma certa cultura aos seus descendentes. Em lugar de cultura talvez fosse melhor utilizar o vocábulo aura. Aura ou cultura que deram origem ou se plasmaram nas célebres "revistas" de que os fangueiros ainda hoje

vivem (culturalmente falando) e de que se blasonam. Entretanto o rio assoreou-se, os paquetes a vapor substituíram os barcos à vela, o que levou ao encerramento dos estaleiros (chegaram a funcionar três em Fão) e das indústrias correlativas. Fão apagou-se; ficou-lhe a trefice de ter sido o que já foi, até que surgiu o Ofir de Sousa Martins. As luzes da fama tremeluziram outra vez, mas foi sol de pouca dura. Ofir já foi. Agora querem torná-lo careca. E Fão volta a viver do passado que remanesce num caldinho onde sobrevive uma certa fachada sustida por vivências do passado. As pessoas de fora aparecem, ainda se deixam atrair. Assim sendo, os fangueiros devem fazer tudo para não criar o desencanto nas pessoas que nos procuram. devem desenvolver em si próprios *O sentido de freguesia*. O que é isso? É quase como possuir e desenvolver o sentido de Estado. Ora ter o sentido de Estado é fazer tudo o que for necessário para que a nação portuguesa saia prestigiada aos olhos do mundo. Correlativamente não ter o sentido de Estado é tudo fazer ou não impedir que o país saia ridicularizado, diminuído, aos olhos das outras nações. Bem, para compreender o que é ter sentido de freguesia (a designação é nossa) basta trocar a palavra Estado pela de freguesia.

Há dois anos, cremos que foram mesmo dois, apareceu um circo em Fão. Pela aragem e pelo número e estado das carruagens que eles utilizavam, parecia-nos mesmo bom e portanto capaz de realizar um espectáculo agradável. Com esta perspectiva (e não só) nós comparecemos à chamada. Quando chegámos às Rodas, verificamos que éramos meia dúzia de gatos pingados. E os do circo ainda tiveram o cuidado de ir às escolas para oferecer borlas às crianças que viessem acompanhadas dos papás. À cautela, as portas mantinham-se encerradas. Admirámo-nos de ver entre os espectadores um amigo nosso a quem não achávamos atraído por realizações circulares.

- Você aqui?

- Esteja calado - acudiu ele -, Eu temi um fracasso e vim cá para salvar a face desta terra. Esta gente vem atraída pelo nome de Fão e depois apanham um banho de alto lá com ele.

Este amigo, que tem o sentido de freguesia em grau elevado, tinha razão. O espectáculo não se realizou por "falta de quorum".

É importante que o propalado bairrismo fangueiro se enrole à volta do sentido de freguesia. É imperioso que as exposições que se façam na terra sejam amparadas por quem tem poder para as aceitar? A publicidade por sua vez parece-nos fundamental. É um dever nosso salvar a honra da terra, possuir em suma o tal *sentido de freguesia*.

PROSAS

inSIGNIFICANTES - 1

J. C. VINHA NOVAIS

- Se eu fosse compositor comporia hoje um **REQUIEM**.

- E a quem dedicarias tu, pobre escriba destas insignificantes linhas, tão solene composição? Queres acaso ombrear com Mozart ou Lopes Graça, um dos teus mestres de juventude (que não de música, porque a música era outra?)

Foi com este pensamento que acordei naquele dia de Agosto e antes que a minha memória dos 70 me pregasse a partida que já tantas vezes me prega, levantei-me, cumpri o ritual matinal, e sentei-me ao computador.

O Pinhal das Rodas. Naquela clareira, à esquerda, no Caminho das Rodas, nas tardes calmas ou ventosas de nortadas... Vá vê-lo e vê-la enquanto ainda existe! As senhoras Mouras de que ainda se lembram, as Matos, as Medinas (um grande abraço para Luanda e para Lisboa!), as Almeida Dias, os ases do desporto: Eng. Sousa Martins, o Sr. Aníbal, o Zé Emílio, o Júlio Monteiro... o futebol no Fagil, o voleibol nas Rodas e na praia. Queres saber como era a clareira no pinhal das Rodas onde, de tarde, todos se reuniam, a rapaziada (estou a falar de mim, dos meus irmãos Joaquim e Lauro, do Júlio, do Zé Emílio, do Fernando prematuramente falecido, do Rui e do Eurico, etc.) jogando o futebol ou o voleibol, ou conversando com as raparigas (algumas, hoje, avós de cabelos brancos). A figura imponente, sempre muito direito e engomado, lenço branco no bolsinho do casaco, do Poeta de *Cantares e Riso Morto*, o Abel Vinha dos santos, o Alceu com a sua verve e o seu lápis sempre *afiado*, a Mimi Almeida Dias revelando, ao Sol, as fotografias da *Leica* de seu pai mas sempre atenta *ao desenrolar dos acontecimentos* (era a *mais velha dos novos* e com os seus vinte e tais anos era, para nós, uma respeitável senhora), o Prof. Eduardo Pinheiro, sua esposa D. Maria e os dois filhos; seria imperdoável esquecer-lo: o dr. Franklim Nunes, misto de médico, fotógrafo amador, escritor e... *D. Juan*. Depois vieram outros: as duas famílias Carvalhos, de Barcelos, o Dr. Avelino Cunhal, o Capitão Larcher com a esposa e sua filha Ivone e sua sobrinha Maria Luísa, o tenente Lapa, o Soeiro (olá camarada e amigo!), a D. Elsa e suas sobrinhas, Lena e Belita, a Lena hoje esposa do Soeiro e a Belita do Pedroso que por cá não "entra na estória" como a Maria (seria Maria?) do poeta (com P grande!)

(Continua na pág. 3)

A FEIRA DO BOM JESUS

Vista do meio da festa

São 18 os pavilhões que transformaram a Alameda do Bom Jesus numa mostra onde se vende e compra de tudo e que sobremodo se tornou num local de convívio, de reencontros, de amizade, de alegria e de boa disposição. Quem é esta gente? Somos gente da terra, dos arredores e ainda de fora-portas que é, como quem diz, de muito longe.

(Continua na pág. 3)

MISERICÓRDIAS – 500 anos de vida e de acção social

Ninguém tem dúvidas quanto à função específica das Misericórdias, instituição particular de segurança social e de assistência. Relevante, também, os cuidados sobre o estado do corpo e da alma de cada cidadão. Por isso, da fundação e originalidade das Misericórdias será de salientar os fins altruístas e humanitários numa época distante em que, “rezava-se a Nossa senhora da Visitação, quando numa capela da Sé de Lisboa, num longínquo Agosto de 1498, se consagrava uma nova confraria à Virgem da Misericórdia”. Esta era o início da narrativa dos actos do compromisso destas instituições, publicada na revista do clube do Coleccionador, primeiro trimestre de 1998.

O Padre Victor Melícias na homilia da Eucaristia que assinalou os 500 anos de fundação das Misericórdias, referiu-se ao acontecimento e à função destas instituições, onde o espírito de servir os pobres, carenciados, indigentes e os excluídos da sociedade, mais os cuidados a ter no rigor e na isenção dos actos e deveres na salvaguarda dos valores da ética e da moral.

Há que estar atento às “actividades de apoio a pobres, indigentes, orfãos desprotegidos, gerindo hospitais e albergarias, recolhendo as esmolas, promovendo funerais, ajudando presos e condenados, organizando saídas processionais e manifestações religiosas...” como base da coordenação prevista no Compromisso, com o rigor e a isenção prevista pelos fundadores, Homens para o serviço que fossem de boa fama e são consciência e honesta vida tementes a Deus e guardadores dos seus mandamentos... “As Misericórdias jamais deverão ser vistas como objecto de superior função sobre os outros Homens. Estamos em presença de obra de “gente boa e cristã”. Mas, das 400 instituições fundadas no país, será lícito apontar o dedo a quem se julga fadado a desígnios transcendentais, mas impraticáveis pela soberba e pelo egoísmo de que são possuídos, obcecados.

Quando lemos, por necessidade de conhecer e comparar alguns factos do passado com o presente, o livro sobre o Artuivo e as Origens da Santa Casa da Misericórdia de Fão, do historiador e investigador vianês Antunes de Abreu, apercebemo-nos de que se trata de instituição exemplar gerida por Homens que se incluem “na gente boa e cristã”. E tomámos conhecimento do rigor e da isenção de quem deve assumir a herança do passado e de fugir à tentação da nacionalização e da submissão ao poder político, de salvaguardar, embora com riscos, o património com centenas de anos, de sã prática na caridade ditada pelos fundadores de há 500 anos. Em sanidade de consciência, para servir no amor de Deus e de respeito pelos valores da moral e da ética ou doutrina cristã.

A Santa Casa da Misericórdia de Fão nasceu, presume-se, cerca de 1600 e, (cerca da mesma época que a de Esposende) e, desde então, cresceu a passo cadenciado, com o rigor ditado pelo Compromisso de há 500 anos. A obra está à vista. Desnecessário será quaisquer comentários comparativos.

ARTU L. COSTA

ESPOSENDE

Gentes do Mar, em vídeo

O Fórum lançou uma gravação em vídeo, com a duração de 22 minutos que mostra bons aspectos de Esposende e alguns elementos sobre gentes do mar, figuras e factos relacionados com as lides da nossa Ribeira-Cávado.

Na sessão de lançamento, João de Freitas, o fundador do clube e o principal dinamizador, historiou o ideário da agremiação criada, com objectivos inspirados no estatuto do Eng.º Paulo Valada, mas para o Porto. O propósito seria a criação do espaço, onde cada esposendense teria a oportunidade de promover Esposende, de mudar a sua face, a sua gente, o seu cariz. Porém, o coração por vezes, a euforia do acontecimento, também, traíram a sua fluência de orador nato.

Recordou muitas figuras e gente que têm contribuído para o desenvolvimento local (esqueceu outros de valerosa epopeia marítima), pese embora o são propósito de homenagear Homens do passado, e não do presente.

Na circunstância, o dr. Francisco Bermudes prestou alguns esclarecimentos sobre a gravação lançada a público e foi visonada para os convidados do Fórum.

Aconselhamos os nossos leitores para adquirirem tal gravação pois foca muitos e bons aspectos da área urbana de Esposende e, no futuro, será um precioso documento para enriquecimento histórico. Os custos e o preço de venda têm a sua justificação, pela qualidade da montagem, das imagens, da locução.

“Venha pintar o Concelho” no Museu

Esteve patente ao público, na sala dos azulejos do Museu Municipal os trabalhos seleccionados e candidatos ao concurso “Venha pintar o concelho”, iniciativa da Câmara Municipal.

Participaram bastantes concorrentes, sendo apurados 18 dos trabalhos, cuja classificação atribuída pelo júri foi a seguinte:

Escalão juvenil - António César Miranda, 2.º prémio; Inês da Silva Pimental, Mavilda Cláudia Baptista, Mariana Santos, todos com o 3.º prémio. Não foi atribuído o 1.º prémio.

Escalão adulto - Ana Júlia Peixoto Viseu, 1.º prémio; Maria José Peixoto, João Eduardo Abreu e Filipa Miguéis, Maria Olinda Ribeiro e Helena Maria Vale Coutinho, todos com o 3.º prémio. Não foi atribuído o 2.º.

Receberam diplomas de participação: Querubim Carneiro Areias, José Augusto Ribeiro, Manuel Albino Penteado Neiva, Maria Eduarda Sá Lima, João Miguéis, Maria Alice Azevedo, José Moraes Casanova e Álvaro Pereira Franqueira.

Os prémios e os diplomas foram distribuídos durante a sessão solene de 19 de Agosto, na Câmara Municipal.

Recorda-se que em 1976 houve um concurso muito semelhante: pintar o cartaz identificativo para a promoção da zona turística de Esposende, sendo o júri constituído por: Henrique Medina, o Arq.º Alfredo Magalhães, o representante da Câmara Municipal e o Vogal de Turismo.

Máquinas de escrever fazem história

A Biblioteca Municipal Manuel de Boaventura, tem organizada uma exposição sobre máquinas de escrever que datam de 1890 e vai até 1960, hoje ultrapassadas pelo sofisticado micro-computador que, em comparação, mais parece uma tipografia.

A iniciativa vem na sequência da história da tipografia e da sua evolução técnica a que se associou a vida e a biografia de José da Silva Vieira.

As máquinas de escrever fazem parte da humanidade pois, enlaça “a escrita da máquina com o jornalismo e a literatura”. Por isso, aparecem duas máquinas de vulgar interesse: a Royal de Fernando Pessa, o decano dos jornalistas portugueses e de Alice Vieira, escritora.

A evolução da escrita acompanhou os meios auxiliares e recordo a velha Remington, onde foi dactilografada a tese de licenciatura de Armando Saraiva ou, a Underwood 18, portátil, a “máquina do povo” como lhe chamou ironicamente o Quim de Fão, pelos relevantes serviços prestados a muitas agremiações.

A exposição tem mérito e, permite-nos um conhecimento mais profundo sobre a história das máquinas de escrever e, do artífice nortenho Alberto

Estêvão que tratou da saúde de inúmeras pacientes ao longo de 60 anos de trabalho.

Das 26 máquinas expostas, consta uma de Hugges de impressão ponto a ponto e quefoi a pioneira do telégrafo eléctrico nos CTT.

Concerto “Cidade Geminadas”

A orquestra do Norte, em 18 de Agosto findo, dedicou um concerto de música clássica à gemação das cidades de Esposende, S. Domingos (Cabo Verde) e Ozoir-La-Ferrière, França.

O programa foi aliciante e proporcionou a audição de obras clássicas, de autores consagrados: Mozart, Rossini e Bizet, tendo como solistas: a soprano Jarislawa e a barítono Wolanski. Dirigiu a orquestra o maestro Tadeusz Sereafin, todos polacos.

A Câmara tomou esta iniciativa que se integrou nos 426 anos do Foral e cinco anos da Cidade.

Dia do Município

Entrega de condecorações

Na passagem dos 426 anos de Foral de Vila e de Concelho e de cinco anos de elevação a Cidade a Câmara Municipal celebrou o Dia do Município, que passou a ser o 19 de Agosto.

Do programa há a salientar a Missa Solene presidida por Mons. Baptista de Sousa (em último ano de Dia de Município) acolitado pelo Prior de Marinhãs, Padre Avelino Peres Filpe, com a participação do Grupo Coral de Esposende, dirigido pelo Prof. António Ribeiro.

Na sessão solene que se realizou no Salão do Município, com a presença da Vice-Governadora do Distrito de Braga e os presidentes das cidades geminadas de Esposende, S. Domingos, Cabo Verde e de Ozoir-La-Ferrière, exibiu-se o grupo Pequenos Cantores de Esposende (Escola de Música), dirigido pelo prof. António Ribeiro que executaram peças relacionadas com Esposende, Cabo Verde e Ozoir, seguindo-se a entrega de condecorações das seguintes entidades:

ADE (Associação Desportiva de Esposende) que subiu à 2.ª Divisão de Honra Nacional, é condecorada com a Medalha de Honra de Mérito Desportivo, entregue ao presidente do clube; Alberto Figueiredo entregou à viúva do Professor Doutor José Vaz Saleiro e Silva, recentemente falecido em grave acidente de viação, a Medalha de Honra do concelho; António Pires Carneiro (Capitão), a título póstumo foi condecorado com a Medalha de Mérito Municipal, entregue ao filho Marinho Carneiro. Receberam ainda medalhas o Centro Social Juventude de Mar a Medalha de Mérito Desportivo pelos resultados obtidos a nível nacional; Impetus Portugal Texteis S.A. pelos 25 anos ao serviços do concelho a Medalha de Mérito Municipal entregue a D. Emília Mariz Figueiredo.

Nas intervenções que se seguiram, o presidente da C.M. de S. Domingos (Cabo Verde) agradeceu a colaboração prestada por Esposende. De quem nada tem, o mais importante é o coração, disse a finalizar. De Ozoir-La-Ferrière, o abraço de países com uma importante área comum, o Mar. Também, a troca de culturas e de cooperação que enalteceu como povos europeus.

A terminar, Alberto Figueiredo fez uma resenha das obras e das melhorias levadas a cabo pelo Município no decorrer do seu mandato e da sua preocupação pela qualidade de vida. Enumerou as áreas de intervenção do Município: desporto, educação, saúde, apoio social, abastecimento de água, habitação social, vias de comunicação, património municipal. E a certo passo disse: “Esp’osende constrói-se pela positiva, não pela negativa. A comção, mais uma vez, tralou a franqueza do melhor autarca de Esposende, aquele

VÓVÓ CECÍLIA

Fez anos no dia 21 de Agosto a nossa D. Cecília Amorim. Já não nos lembra bem se foram 28 se 82. É que a genica que a anima não nos permite deslindar em que número das dezenas a podemos situar. Está lúcida, operacional, briosa, sagaz, atenta, tudo, enfim, o que representa o vigor da idade.

Alguns amigos mais íntimos (mos e mas) foram levar-lhe aquele abraço. E ela a todos/as apertou com *aquele* vigor. O sempre presente Fernando Almeida dedicou-lhe e declamou umas quadras alusivas. Foi bonito ouvi-lo.

Escusado será dizer que ela nos deliciou com umas lambarices da sua lavra.

Por muitos anos.

A FEIRA DO BOM JESUS

Vista do meio da festa

(Continuado da pág. 1)

Tudo começou no ano passado. A Junta de Freguesia lembrou-se de pôr uma tenda no recinto do Bom Jesus onde se vendia alguma coisa, sobretudo algumas virtualhas para comer e beber.

A coisa pegou e vai daí os homens da Junta, que por acaso mete também uma mulher, lembraram-se este ano de repetir a gracinha, só que desta vez com mais molho. E então resolveram enviar um mailing (para quê, Zé Artur, esta palavra?) convidando-os para a festa ou para a mostra ou o que lhe quiserem chamar. E o povo de Fão, o povo baírrista, o povo comprador, correspondeu à chamada e comprou muitas coisas. Mas que coisas? As coisas que o povo vendedor veio cá trazer. Lembramos os tapetes de Estarreja, a olaria e o linho de Barcelos, as ginginhas do Bombarral (tão longe, vejam lá!...) ovos moles e mais coisas doces de Aveiro, linhos, louças e bordados de Viana do Castelo, artefactos de resina, de Braga, cestaria de Fojães, trabalhos em vime, da Póvoa de Lanhoso.

O negócio esteve bom para quem apostou. Estava só gente de Fão? Não, meu senhor, veio muita gente de fora que encheu de carros a rua dr. Barros Lima (o Tó Zé fartou-se de facturar) e ainda a estrada nacional. Foi assim a modos de uma festa do Senhor de Fão, desde o dia 11 ao dia 15 de Agosto. Mas só tinham pavilhão as pessoas de fora? Os Bombeiros, o Futebol, o Águias de Serpa Pinto e a Escola profissional todos de Fão, também corresponderam à chamada, criaram os seus pavilhões e perfizeram milhares com equipas de voluntários a ajudar. As casas da terra de *comes e bebes* foram convidadas, mas o seu número era reduzido. Ressalvaram-se os 3 Arcos, a Pastelaria Fãozense e o Pão Quente que deram o sim ao tal mailing. As mesas e as cadeiras todos os dias se encheram: gente de Fão, os banhistas da terra, os nossos banhistas, ou seja, aqueles que aqui vêm já há muitos anos e ainda aqueles que já aqui não apareciam há muitos anos também disseram *sim* ao convite formulado. E então era uma alegria vê-los chegar, corresponder ao seu simpático *como está?* e ouvir lembrar peripécias ocorridas em Fão há já muitos anos. Foi giro ver o Castro, de Barcelos tomar nos braços o seu neto e bomboar-se ao som da música. Outros pais e avós babados fizeram o mesmo. Enfim foi um reencontro de pessoas e também, por isso, uma romagem de saudade. Até ao ano.

ESPOSENDE (Continuado da pág. 2)

que mudou a face de uma Esposende envelhecida e descaracterizada.

A Vice-Governadora encerrou a sessão com um discurso simples, mas eficiente; caracterizou a nova sede do Concelho de Esposende e as suas mudanças e o bom relacionamento com outros povos, dos apoios concedidos, pelo Estado, entre eles, na Educação e na Cultura, na construção do IC1 e as ligações ao exterior do concelho e, bem assim, o futuro traçado do IC14 com maior fluidez de trânsito entre o litoral e o interior.

Na troca de lembranças entre as delegações das cidades geminadas, o Município de Esposende fez entrega simbólica de um veículo tipo Dumper de apoio às obras Municipais de S. Domingos (Cabo Verde).

À noite houve concerto de jazz pelo septeto AL'vesH.

Festival da Juventude

Vasto programa de actividades assinalaram, em Esposende, o Festival da Juventude, acontecimento que se realiza pela 3.^a vez, sempre de apoio ao conhecimento ou a combate de doenças epidémicas, também, de prevenção. "Cancro: uma luta que se vence", foi o lema escolhido.

A iniciativa pertenceu à Câmara Municipal de Esposende e teve o apoio de entidades ligadas ao futebol, ao rio, à cultura, à televisão, ao espectáculo de variedades sem esquecer a participação das crianças e dos adolescentes.

Desde 22 a 30 de Agosto, o programa contou com variadas actividades, sempre com o apoio da Liga Portuguesa contra o cancro, cuja receita reverte a favor desta entidade.

O fim de semana contou com um debate no Auditório Municipal, encontro de futebol com estrelas da televisão, do espectáculo, da cultura e da arte, além de atletas nacionais. Também, o teatro de revista, no Centro Paroquial, com artistas bem conhecidos.

Novo Pároco de Esposende

A partir de Setembro corrente entra em funções o novo Pároco de Esposende e Administrador Apostólico de Vila Chã, nomeado pelo Arcebispo Primaz de Braga. Trata-se do Padre Delfim Pinto Coelho, natural de Mire de Tibães e que parouliava Esporões e S. Vicente de Penso, Braga.

Atendendo às más condições de habitabilidade da residência paroquial de Esposende, o novo Pároco já tem arrendado um apartamento no centro da paróquia.

Consta que se está a pensar numa festa de homenagem a Mons. Baptista de Sousa quando da passagem da paróquia.

Pintura em porcelana no Museu

Uma selecção de obras com pintura em porcelana, da autoria de António Meira Marques Henriques, estão expostas no Museu Municipal. Trata-se de um trabalho de alguns anos e que o Museu, face à história dos Descobrimentos e do comércio com o Oriente, relacionou com a exposição dos Oceanos. Allás, os acontecimentos integram-se na comemoração da saga portuguesa dos Descobrimentos Marítimos.

A exposição, pelo seu interesse artístico, mantém-se até 30 de Setembro.

A.L.C.

AVÓ E MÃE

*— Como te lembro, minha Avó, querida!
Orfã fiquei de Mãe, em pequenina.
E foste tu, Avó, era eu menina,
Que em teu peito aceitaste a minha vida.*

*Tive depois em ti doce guarida...
Talvez ela me desse a boa sina
Nos teus ensinamentos de doutrina,
Que assim pus numa vida bem sentida!*

*Se nunca conheci o amor de mãe,
Jamais o poderei imaginar.
A não ser pelo teu, ó Avó minha.*

*Tu que há muito partiste, desse além,
Junto de Deus, não deixes de velar
Hoje e sempre por mim, tua menina.*

FLORINDA ALMEIDA

PROSAS

(Continuado da pág. 1)

Manuel Bandeira; como o mundo é pequeno, meu caro e velho amigo das andanças do *Juvenil* (*sabe, o que é? Não? Esqueçam...*), o Madureira, o Soutinho, o Pádua, que se sobrepuseram à camada anterior deixando grandes extensões de afloramentos que a *erosão* do tempo e da morte ainda não diluiu totalmente. Outras camadas se sucederam com outros hábitos, outros costumes... mas sempre, sempre o mesmo pinhal embora com outros pinheiros.

Aqueles pinheiros das Rodas, da Estrada do Mar, da Bonança com a sua capelinha cuja porta, hoje no Museu da Póvoa, era um emaranhado de siglas dos pescadores poveiros e o seu facho cada vez mais em ruína. Do Fagil, o nosso campo de futebol dos renhidos desafios entre solteiros e casados onde os *banhistas* (*leia, à fangueira* com o primeiro a bem aberto) e os fangueiros de naturalidade (porque fangueiros tdos se consideravam!) conviviam em sã camaradagem... Não pintemos a *paisagem* tão cor-de-rosa, que o digam as *persianas* do Clube Fãozense!

Vós que carreastes à cabeça, em pesadas gamelas, a areia que havia soterrado Fão; vós que semeastes este pinhal que hoje lentamente agoniza, vós que gozastes as suas delícias de verão, protector da canícula e da fresca nortada, vós que nele apanhastes as pinhas, a caruma e os galhos secos com que acendestes a lareira e ferveistes a magra sopa e assastes a sardinha, a todos vós eu convoco para o enorme e solene coro deste REQUIEM PELO PINHAL DE FÃO! Mas será que ele vai mesmo ser destruído pela ganância de uma meia dúzia cujo poder assenta no dinheiro que tudo compra, pinhais e consciências? Ou o REQUIEM, se nós quisermos, se pode transformar numa imensa ODE À ALEGRIA cujo coro nós todos, Fangueiros e Amigos de Fão, integramos?

O BOM JESUS DE FÃO

POR CARLOS MARIZ

A INVASÃO DAS AREIAS – A IGREJA MATRIZ E O BOM JESUS

(CONTINUADO DO NÚMERO ANTERIOR)

II-C) – OS MUROS

A 24-5-1758 o Pároco de Gandra, Manuel Vieira, nas Memórias Paroquiais⁽⁸⁾, diz "...Junto ao Rio em vários campos confrontantes ao Lugar de Sam Sevelam? Uns altos de terra cobertos de matos com seus poços os quais altos se chamam os MUROS DE FAM... e se diz fora obra fabricada pelos Mouros por tradição...".

Dois bens da Comenda da Ordem de Cristo constava um casal, referido em 1220, que consta do tomo de 1612 "a Leira da Lagoa, na agra de Fão". Silvestre Matos da Costa entende que esta leira se situava em Gandra, tendo em conta as suas confrontações⁽⁹⁾. Em Fão, de facto, não há Agra actualmente.

O Padre Chaves refere o aparecimento dos muros de Fão na linha norte-sul ao abrirem o poço das Escolas Amorim Campos e os alicerces da Casa de António Pelicano, ao norte das escolas e o poço da Ana Cecília, na Rua da Boavista (Pio Rodrigues), e com orientação leste-oeste, ao abrir-se o poço do Hotel do Cávado, na rua da Boavista e o poço de Manuel Elias, na rua da Igreja⁽¹⁰⁾.

II-D) – PAREDÃO DO CALDEIRÃO

No tomo de Fonte-Boa, de 16-6-1594, indica-se que os limites entre Fão e Fonte-Boa começam no Caldeirão, junto ao Rio Cávado⁽¹¹⁾.

Na medição do "Préstimo de Fão", a 2 de Julho de 1701, consta que os limites entre Fão e

Alapela começam à borda do rio Cávado, "aonde chamam o poço do Caldeirão"⁽¹²⁾.

Assim, Caldeirão é um topónimo muito antigo. A palavra significa, entre outras coisas: "Depósito que recebe as águas do governo das salinas, para distribuição pelas peças"; "redemoinho nos rios"; "local mais fundo dos rios, onde a água fica retida e se acumulam os peixes"⁽¹³⁾.

Os limites em causa ficam de cem metros a montante da nova ponte de Fão.

O paredão do Caldeirão foi construído pelo Engenheiro Custódio José Gomes de Vilas Boas entre 1795 e 1800, quando andou a canalizar o Rio Cávado⁽¹⁴⁾.

É natural que no local existisse anteriormente algum paredão em ruínas ou estacadas, para conter o rio pois a sua tendência natural é para seguir na direcção indicada pelo Padre Chaves.

Na época (1795), havia um subsídio para as estacadas, que reverteu para obra de canalização do rio⁽¹⁵⁾.

Este paredão estava quase desfeito nos anos trinta e o rio começou a escavar a margem, levando um grande campo das "Serguilhas". Para o conter, o senhor José Portela meteu estacas à beira rio, que enchia de felgas e assim conseguiu preservar uma estreita margem entre o seu quintal e o rio. No local existia um poço profundo.

O paredão foi restaurado em 1956, tendo sido capeado a granito e aumentado cerca de 50 metros de comprimento. A orientação dos trabalhos esteve

a cargo do senhor Antonino Borda e teria custado cinquenta contos⁽¹⁶⁾.

II-E) – CANALIZAÇÃO DO RIO

No reinado de D. Maria I o engenheiro Custódio José Gomes de Vilas Boas dirigiu a canalização do rio Cávado, para o tornar navegável até muitos quilómetros da sua foz e manter esta sempre desassoreada. A obra começou em 1795 mas, devido em parte às invasões, não foi concluída.

O rio fazia em Gemeses uma grande curva que ia até à ponte do Estreito. Essa curva foi eliminada cavando-se um novo leito em terras de Gemeses. Foi construído um Marachão (forte muro em granito com aterro no lado oposto ao rio). O antigo leito do rio e as terras até à nova margem sul passaram de Gemeses para Rio Tinto e Fonte Boa.

Além do paredão do Marachão, do Caldeirão e do cais de Fão (estes dois últimos eram para ser unidos um ao outro), foi edificado um molhe na barra, que foi desviado 200 metros mais para o sul⁽¹⁷⁾.

(CONTINUA)

NOTAS: (8) António Lusa, B. C. Esposende, n.º 7/8, pág. 120; (9) Palmeira do Faro na Comenda de Antime, B. C. Esposende, n.º 19, pág. 82 e 84; (10) Elementos para a História de Fam", pág. 8 e 9; (11) Manuel Penteado Neiva, "Fonte Boa", pág. 10; (12) Livro Onze de Tombos Principais – Alapela – Fão, da Casa de Bragança, referente ao ano de 1701; (13) Grande Dicionário da Língua Portuguesa, de Cândido de Figueiredo; Enciclopédia Portuguesa Brasileira; Verbo Enciclopédia Portuguesa Brasileira de Cultura; Grande Enciclopédia delta Larousse; (14) Ver a interessante obra do ilustre investigador da história de Esposende, dr. Bernardino Amândio: "O Engenheiro Custódio José Gomes de Vilas Boas e os Portos de Mar de Esposende em 1795 e Viana do Castelo em 1805", pág. 31 e 38; (15) Idem, pág. 34 e 62; (16) Jornal "O Cávado" n.º 1855; de 2-9-1956; (17) "O Engenheiro Custódio José Gomes de V. Boas e os Portos de Mar de Esposende 1795 e Viana do Castelo em 1805", pág. 42 a 45 e 121.

OS CORREIOS – História e a sua evolução desde a antiguidade (PARTE II)

(CONTINUADO DO NÚMERO ANTERIOR)

Os hieroglifos egípcios eram uma versão da escrita cuneiforme e os cananeus, povo semita, com base nos hieroglifos inventaram um alfabeto fonético em que os símbolos representavam os sons das diferentes letras em vez de sílabas ou palavras. Era constituído por 30 letras cuneiformes gravadas.

Os hicsos escolheram entre a grande quantidade de hieroglifos vinte e dois e simplificaram-nos.

Os povos semitas (fenícios e judeus) conservaram a escrita dos hicsos, mas os comerciantes, com o uso do pergaminho traçaram novo alfabeto, que transmitiram aos gregos e regiões do mediterrâneo, 1000 a.C.

• A escrita grega

Os gregos adaptaram à sua língua o alfabeto semita.

A administração Minoica usava uma escrita linear que ainda não foi decifrada. Era usada em Creta e parte das cidades em 1650 a.C. Em Creta existiu um sistema hieroglífico (2000 a.C.) ainda não decifrado. Seguiu-se-lhe uma escrita pictográfica – hieroglifos Cretenses – e dois sistemas silábicos A e B. A partir da escrita linear A, foi desenvolvida a escrita linear B, usada pelos Gregos do Continente.

No século III a.C. as novas escritas alfabéticas aramaicas e gregas substituíram no Médio Oriente a antiga escrita cuneiforme.

• Escrita na Índia e no Oriente

No século III a.C., desenvolveu-se no subcontinente indiano a escrita bramânica, antecessora da maioria das escritas modernas. Anteriormente

as cidades do Indo formaram uma escrita com 270 caracteres que ainda não foi decifrada.

Na China, 1200 anos a.C. apareceu uma escrita baseada em pictogramas a partir das marcas nos vasos que indicavam números ou nomes dos Clãs. Os Imperadores Shang registavam os acontecimentos em tiras de madeira ou de bambú; daí escreverem verticalmente. Inscrições em bronze e em ossos apresentam 2000 caracteres, muitos ainda, relacionados com os hoje usados.

Qinshi Huangdi (221 a 210 a.C.), o primeiro Imperador chinês, unificou a China, construiu a grande muralha e estandardizou a escrita.

Nas Coreia, século VII, os coreanos adoptaram a escrita chinesa e depois passaram-na ao Japão. A língua coreana era mais complexa que a chinesa e os caracteres não se adaptaram às suas flexões pelo que acabaram por adoptar um sistema alfabético derivado do aramaico.

• Alfabeto romano

Derivado do aramaico, já dito, o alfabeto romano, inicialmente, era constituído só por letras maiúsculas. Depois os escribas desenvolveram as formas minúsculas. Usamos, ainda hoje, essas letras. Os romanos utilizavam as letras maiúsculas para representarem os números, sistema de que nos servimos na actualidade.

O México utilizou uma escrita pictográfica na civilização mixteca.

• Alfabeto árabe

A escrita deriva do alfabeto antigo dos semitas, muito usada em Meca antes de Maomé. Para registar no Alcorão, os árabes desenvolveram vários estilos de escrita multiplicando-os no século X.

Abuali Ibn Muglan, Vizir dos Califas de Bagdade e que morreu em 940, concebeu princípios geométricos para as seis escritas principais o que passou, então, a ser seguido.

Há uma versão decorativa do árabe – a escrita cúbica – derivada do nome sagrada de Kufa, no Iraque. Destinava-se a fins ornamentais, em painéis gravados com uma geométrica ou em manuscritos.

Os algarismos inventados pelos árabes, actualmente, continuam a ser usados em todo o Mundo.

• Caracteres rúnicos

Os vikings desenvolveram caracteres próprios e conhecidos por runas, com base nos caracteres latinos usados na França e na Grã-Bretanha. esta escrita foi usada, também, na Escandinávia e nas Ilhas Britânicas, mas aos poucos foi sendo substituída pela escrita latina.

Outros tipos de caracteres e alfabetos existem: os cirílicos, usados na Rússia e os góticos, na Alemanha.

Esclarecidos os alfabetos, caracteres e a língua falada ou escrita em vários países ou pelos povos dos antigos Impérios, além de civilizações espalhadas pelo Mundo, pretendeu-se colocar duas questões claras: a necessidade de registar factos ou acontecimentos e, também, o entendimento dos povos, mesmo para tratar dos seus negócios comerciais ou de carácter pessoal e político. A organização Correios nasce para os fins que iremos descrever na terceira parte.

Carlos Mariz
Artur L. Costa

PÁGINA JOVEM

Olá jovens! Então essas férias, como estão a decorrer? Oxalá que da melhor maneira, porque estão mesmo a acabar e o novo ano lectivo está quase a chegar! E, de novo, toca a arregaçar as mangas!.

MEMÓRIAS DA MINHA INFÂNCIA

EM S. JOÃO DE CAMPO (Cont.)

Depois do almoço brincava-se, corria-se, eu espiava os pássaros, que por lá abundavam. Tive sempre uma atracção especial pelos pintassilgos, pelo seu canto, plumagem e independência bravia.

Com o meu primo mais velho, o Ângelo, brincava com barquinhos de casca de pinheiro, "de carrasca", que nós próprios talhávamos a canivete e fazíamos empolgantes regatas nos regos de água de rega, entre a floresta dos feijões de trepar e os tomateiros.

Esse meu primo, sensibilizado ainda pelos ecos já tardios do "ultimatum", nutria um ódio feroz pela Inglaterra o que, na prática, conduzia ali a batalhas navais ou desastres marítimos em que a frota inglesa acabava invariavelmente por ser derrotada, afundada, destruída. Destas andanças desagrávamos a honra nacional, mas ficávamos em geral com as pernas e os calções molhados e sujos da terra e, na sua paciência, minha Mãe lá nos ia lavando em grandes bacias de cobre.

Começava o dia a cair: era a hora da leitura. Com veneração e cauteloso respeito, batíamos à porta do escritório-biblioteca onde meu Avô, em pé, alumiado por um candeeiro de cobre e abat-jour verde, a petróleo, escrevia ou lia, estoicamente, sem nunca se queixar, numa espécie de escrivãzinha de pés muito altos.

ANTÓNIO CORTESÃO
in "A Cinco Vozes"

PAZ DERRAMADA

Fantasia desmascarada
Jogo de espírito
Imagem transtornada
Interrogação desconhecida

Fuga para a imaginação
Pecados escondidos
Amor suplicado
Paixão por descobrir

Recorda-se o sonho
Um dia vivido em sono
Chora-se feliz
Pela paz derramada

FILIPA MAGALHÃES
18 anos

PAUSA PARA SORRIR

Dois malucos conversavam, olhando o prédio em frente. Diz um:

- Já reparaste que o sujeito que vive ali, à segunda-feira de manhã, sai de casa sempre por uma janela do rés-do-chão?

- Já, respondeu o outro. E depois dizem que nós é que somos malucos...

- Mas sabes, eu acho que já descobri porque é que ele só à segunda-feira de manhã é que sai pela janela...

- Então porque é? - pergunta o outro, curioso.

- É porque tem uma semana de trabalho à porta...

Uma família ia de férias. Já na hora de entrar no carro, a dona da casa lembrou-se de que não tinha avisado o padeiro, que costumava deixar no puxador da porta da rua todas as manhãs uma saca com o pão.

Então, pegou num papel e rapidamente escreveu: "Vamos para fora; por favor não deixe nada até ao fim do mês". A seguir, colou o papel com fita adesiva na porta e foi embora.

Quando regressou, a casa tinha sido assaltada e estava quase vazia.

Um bilhete do ladrão, pedia: "desculpe, procurei fazer-lhe a vontade, mas a estante grande da sala e o piano eram muito pesados. Tive de os deixar ficar.



Desenho de JOANA SÍLVIA (9 anos)

UMA LÁGRIMA, UMA VIDA

Uma lágrima é uma gota de água.

Simples, pura, sincera.

Desabrocha no rosto

Preso à terra dos sentimentos,

E corre entre as escarpas

De antigos ferimentos.

E os sulcos agrava

E o desfiladeiro da recordação

É mais profundo.

Na noite do desespero

Arrasta saudade,

Reflecte esperança.

Escorrega devagarinho,

E pacientemente espera

Um gesto de carinho

Duma mão terna

Que a leve,

E deixe finalmente

Descobrir-se o Sol.

Ao levantar do olhar

E do sorriso escondido,

Tal qual uma vida destruída

Que das cinzas se ergue

E desprezando o que a matou,

Uma nova vida origina.

MARTA MARIZ MENDES
19 anos

Esta página tem o patrocínio de:

FOR BODY
SPORTSWEAR

COMUNICADO

Boicote de Conferência de Imprensa

1 – Estabelece o n.º 2 do artigo 114.º da Constituição da República Portuguesa que “é reconhecido às minorias, o direito de oposição democrática nos termos da Constituição e da Lei”.

2 – Não obstante o direito consagrado na CRP, o comportamento político e pessoal de algumas pessoas, levam-me a concluir que, apenas, estão interessadas em, sistematicamente, *CALAR A OPOSIÇÃO*.

3 – Vem isto a propósito da conferência de imprensa por mim realizada em 30/7/98 no Auditório do Turismo de Esposende, que não alcançou os objectivos pretendidos porque a alguém não interessava que a voz da oposição *FOSSE OUVIDA EM DIRECTO ATRAVÉS DA ESPOSENDE RÁDIO*.

4 – Na realidade, a recusa de cedência de linha telefónica, a partir das 18 horas, por parte da Região de Turismo do Alto Minho, a argumentação “esfarrapada, desconexa ou divergente, que se detectou existir entre os vários intervenientes, permitem indiciar uma situação de “boicote” e de “violação do direito de expressão”.

5 – Resta saber se os intervenientes em toda esta “trama” foram 3 ou 4, mas, oportunamente, terão a resposta adequada.

6 – Já na última campanha eleitoral para as Autárquicas, o Cabeça de Lista do P.S.D. – e presidente da C.M. de Esposende – me exigiu uma caução de 10.000.000\$00 para utilizar as instalações do Pavilhão Desportivo de Fão, em cima do acontecimento, o que bem demonstra a existência de défice democrático em Esposende, um dos concelhos onde a transparência não existe.

FRANKLIN VELOSO FERNANDES TORRES

Vereador da Câmara Municipal de Esposende

Repondo as coisas no seu lugar

Dissemos no último número que em 28 de Abril p.p. “foi constituída uma empresa denominada Meroinveste” que ultimamente se tinha virado para o apeteido pinhal de Fão, mais concretamente para os terrenos situados na margem direita da rua Capitão Larcher... que eram do Pedrosa de Averomar. Fomos assim informados.

Comunicou-nos posteriormente o senhor Presidente da Câmara que a referida sociedade nada tem a ver com os terrenos em causa.

Também nos foi dito que o Sr. Pedrosa nunca teve nada a ver com os mesmos. São outros os proprietários, porém com os mesmos objectivos de construção.

Do erro involuntariamente transmitido pedimos desculpa.



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA • ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições:

REIMELI

PORTO - RUA 5 DE OUTUBRO, 212 - TEL. 60 91 018 - 60 63 746 - FAX 60 73 85
LISBOA - RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1993 - TEL. 750 72 04 - FAX 7507206

Escola de Fão, N.º 1 Ramalhão

Exibição na Expo 98

Como corolário de intensa preparação, a Escola Básica n.º 1, sediada no Ramalhão, exibiu-se na Expo 98, no dia 23 de Julho, sob a Pala do Pavilhão de Portugal, recebendo fortes aplausos de milhares de visitantes e colegas de outras escolas que se preparavam para actuar.

Alguns elementos do secretariado da Expo bem como a alta Comissária Dr.ª Simoneta Afonso, e ainda a R.T.P. Internacional assistiram à exibição da marcha fangueira, participando no cantarolar do texto – música e letra do Armando Barbosa; com arranjos do cenário e guarda-roupa do Artur Hipólito – Carneiro – e Armando Solinho.

Não é de estranhar que a acompanhar a Escola – setenta alunos; doze músicos; dez professores estivessem ainda a Delegada Escolar e cerca de cem encarregados de educação.

No dia seguinte, a R.T.P. Internacional projectou, durante alguns segundos, a exibição coreográfica da marcha fangueira que já anteriormente se tinha exibido no Porto, como destacámos no nosso jornal de Abril, e ainda nas Festas do Senhor Bom Jesus.

Esta ida a Lisboa só foi possível, graças ao entusiasmo dos professores, alunos e encarregados de educação bem como à benemerência de alguns amigos da Escola que contribuíram com donativos para custear as despesas. A Câmara Municipal pagou o autocarro.

Nesta como noutras realizações sente-se um forte apoio dos encarregados de educação, ajudando a dinamizar a Escola Básica n.º 1 que, frequentemente, se projecta com actividades para além da sala-de-aula.

EM GOZO DE APOSENTAÇÃO

O nosso conterrâneo Emídio Morais, funcionário do Banco Fonseca & Burnay, requereu a devida aposentação que já lhe foi concedida.

Igualmente o nosso assinante António Oliveira Carreira, que desempenhava funções no Banco Melo, recolheu ao conforto de aposentação.

São ainda pessoas na força da idade que poderão dedicar-se com mais tempo às associações da sua terra.

AMÂNDIO CARAMALHO

Após uma curta estadia no Rio, regressou a Fão, sua terra natal, em companhia de sua esposa, o nosso prezado amigo e colaborador Amândio Caramalho.

Desejamos-lhe uma estada proveitosa e confortante.

HOTEL DO PINHAL – Que futuro?

Como já em tempos foi anunciado, o Hotel do Pinhal e terrenos circundantes foram comprados pelo conhecido empresário Manuel Barbosa. Este conhecido homem de negócios apresentou na Câmara de Esposende um projecto turístico, no valor de alguns milhões de contos, com uma área de construção prevista de 25.000 metros quadrados de implantação e de 82 mil metros cúbicos de volumetria.

Do projecto em causa constam vários imóveis entre os quais unidades hoteleiras com 135 quartos, 46 bungalows duplexes, salas de congresso, dois restaurantes, bares panorâmicos, piscina interior de apoio a um serviço de telassoterapia, um jardim tropical e uma marina de pequenas dimensões.

O Ministério do Ambiente, através da APPLE, reprovou o empreendimento por o considerar um atentado paisagístico e ambiental

EM TEMPOS DE INTEMPÉRIE RELIGIOSA

O celibato sacerdotal

Dissemos no último número que iríamos a seguir falar sobre o celibato sacerdotal, ou seja, sobre a proibição dos padres casarem ou terem um comportamento como se de facto estivessem. Era numa perspectiva histórica que iríamos abordar o tema mas, quase sem querer, afluíramos uns prolegómenos de natureza filosófica para justificar e até para compreender os motivos por que a Igreja na sua incomensurável sagesa tinha e tem optado por essa proibição. E essas reflexões induziram-nos a ler um livrinho comprado em Coimbra, em 1972, na Livraria Almedina, do nosso amigo Machado (Machadão para os mais íntimos) e que se intitula "A crise do catolicismo", escrito pelo "insigne, corajoso e não envelhecido (como aconteceu ao filósofo francês Maritain e ao teólogo norte-americano Hildebrand, que na última fase da vida viraram reaccionários) filósofo catalão José Luis Aranguren, segundo afirma o respectivo tradutor Manuel Reis num posfácio feito à referida obra.

Lembra-se com certeza o prezado leitor que num dos nossos artigos encimado pelo título "Em Tempos..." apresentamos umas tímidas justificações ideoaffectivas, como por exemplo aquela de a esposa de um pároco - na hipótese de os sacerdotes poderem contrair matrimónio - sentir-se enciumada pelo constante, intrigante e já agora revoltante assédio ao seu home (e director espiritual da dita) e agir em consequência de modo a fazer cair o Carmo e a Trindade.

Aranguren, porventura mais frio e racionalista, apresenta outros argumentos. Há anos atrás, afirmava, criticava-se o celibato sacerdotal com argumentos de ordem fisiológica - repressão de impulsos naturais e também de ordem psicológica - distúrbios comportamentais.

Hoje o ângulo por que se deve apreciar o problema está ligado ao modo como o clero vive num mundo intensa, social e publicamente erotizado, um mundo em que o sacerdote é obrigado a viver para mais capazmente o servir. A Igreja muito mais como comunidade, como povo de Deus, do que como instituição hierárquica - sai ao encontro do mundo, mistura-se com ele, funde-se nele.

Se assim é, qual o sentido ou a lógica de um sub-grupo da comunidade católica, comunidade que, como acabámos de ver, está inserida no mundo moderno, qual o sentido, perguntávamos, de o tal sub-grupo, ou seja, o clero levar uma vida própria, com uma actividade específica, com um modo diferente de vestir e com um comportamento sexual diferenciado? A sociedade no seu evoluir, ao receber e enquistar a comunidade católica, como que responde ou resolve ou anula a necessidade de uma resposta. Com efeito, esse diferencial começa a esbater-se, a velha sotaina vai desaparecendo e um padre hoje na rua não se distingue no que diz respeito a apresentação, de um outro qualquer passante. Essa antiga e já hoje ultrapassada diferenciação como que protegia - porque era inibidora - o sacerdote de outras apetências ou solicitações. Dá-se aqui ou está a surgir o que acontece com o fumo do cigarro e a saúde (a comparação é nossa): avisam os médicos e avalizam-no as estatísticas que o fumo do cigarro é prejudicial à saúde. Para resolver o problema, não basta não fumar. O facto de entrarmos num recinto onde o fumo é livre torna-se perigoso à saúde.

Mutatis mutantis acontece ou pode acontecer o mesmo ao universo eclesiástico ao entrar no mundo laico. Os sacerdotes vestidos à civil, exercendo esta ou aquela profissão, seja a de professor, seja a de jornalista, ou mesmo vestindo o facto de macaco, desprendem-se de uma certa aura, perdem de certo modo o seu cinto de castidade. A atitude feminina para com eles passa a ser diferente: são homens como os outros, são seres naturais e casáveis como os de mais. E o assédio pode surgir tanto de um lado como do outro.

Terminamos estas reflexões com palavras de Aranguren expressas no tal livrinho, página 87: "No meio do mundo não duvido que haja individualidades asceticamente tão poderosas ou tão assistidas pela graça que sejam capazes de vencer a actual super-saturação de solicitações sexuais, mas, na maioria dos casos a queda é inevitável".

E no próximo número, então sim, iremos analisar o tema à luz da história.

A.S.

À LUZ DO CANDEEIRO

Faz hoje anos...
 Mais um Ser que o Mundo recebia:
 Uma menina nascia...
 E essa menina chorou...
 Chorou, chorou...

- Como todos os bebés, ela não foi excepção...

Foi a cinco de Março, à uma em ponto da madrugada,
 Em casa de seus Pais, algures em Fão,
 À luz de um candeeiro... e mais nada!

Escolhidos os Padrinhos, e logo o nome também...
 Chamar-se-ia Maria (só Maria!),
 Como a Mãe... Mas a mãe de sua mãe.

E o tempo foi correndo...
 A menina foi crescendo,
 E os seus sonhos também...
 - Sonhos de amor e ternura...
 Toda ela era candura,
 A menina de sua mãe!...

Foi-lhe escrito, certo dia;
 - "Teus olhos, Maria,
 Não são para chorar;
 São para dar vida
 E guarida
 A quem anda à procura
 Da doçura
 Do teu meigo olhar!"

Mas o Mundo foi cruel
 Com a menina que ela era!...
 Fez-se mulher a menina:
 Lambeu-a, sugou-lhe o mel,
 Pós-lhe umas asas de cera
 A abelha da sua sina!...

E o sonho se acabou!
 E a menina chorou!...

Com o sol da vida a escaldar,
 Sem asas para voar,
 Luta a mulher... a sonhar
 Com a menina... a chorar,
 A chorar, sempre a chorar!...

MARIA DUVAL

AINDA O PINHAL DE FÃO

(Continuado da pág. 12)

apareceram as árvores que nós chamamos austrálias, cujas sementes eram lançadas à terra juntamente com o pinhão.

Se alguns dos mais novos duvidam, posso infomar que o 1.º guarda florestal encarregado da florestação se chamava Eliseu que por sua vez tinha um capataz que era de Fão e se chamava Laudelino Vassalo, que muitos conheceram. Este, por sua vez, lidava mais de perto com as várias dezenas de pessoas que iam p'rá jorna diariamente. Enquanto umas abriam as covas, outras lançavam as sementes e outras tapavam as covinhas. Isto durou anos.

O guarda Eliseu tomou-se de amores por uma Maria Caiadeira, das Pedreiras (tia do Carlos Varredor da Junta) moça bonita que trabalhava na floresta.

Como, porém, o Eliseu era casado e com filhos, o caso chegou aos ouvidos dos superiores hierárquicos; por isso foi destituído do cargo.

Veio outro guarda, o Constantino, substituto; este, porém, era jovem e solteiro. Enamorou-se também duma trabalhadora florestal, mas como ambos eram solteiros, casaram-se. Ela era a Emília Panca, irmã do Quenor. Como sei destes pormenores? Perguntarão. É que em Fão nesse tempo não havia cafés. Só o Café Galo e mesmo sendo só um, teve de fechar por falta de clientela. Antigamente não se bebia café, cerveja, um pouco, e uisque, nenhum. Bebia-se um copito de vinho e era af que se reuniam os homens.

Meus pais tinham mercearia, vinhos, tecidos, miudezas. Na casa de meus pais reuniam-se mulheres a fazer as compras do dia-a-dia e também homens que, depois de um dia de trabalho, se juntavam e comentavam os assuntos. Assim se sabia tudo o que se passava em redor.

Os próprios guardas florestais e famílias eram nossos clientes. Portanto, eu estava a par da vida de então da nossa terra. Isto tem a ver com o pinhal de Fão.

Mais, antigamente todas as famílias amanhavam o seu pedacito de terra de onde tiravam as batatas, as couves, as cebolas, o feijão para seu sustento e ainda criavam uns coelhos, umas galinhas, um porquito.

Depois da II Guerra Mundial começou a haver mais trabalho, mais indústrias e as pessoas, á medida que iam tendo trabalhos mais rentáveis, foram abandonando as terras de cultivo. Daf, mais floresta. Um pedaço de terra que foi cultivado anos consecutivos, quando deixa de o ser, semente de floresta que lá caía levada pelo vento, pelos pássaros, ou pela mão do homem, cresce rapidamente. Daf mais floresta.

Posso dar alguns exemplos: a gente, para ir a Apúlia, não utilizava a entrada nacional. Ia-se a pé e utilizavam-se em especial 3 caminhos: um era o que vai do Ramalhão, passa pela porta do professor António Peixoto, caixa de água, etc. Era o caminho do Inácio Eiras que vai dar perto da igreja; outro era, quem vai pela porta do Jorge Trolha, segue por aquelas vivendas fechadas. Era o caminho do centro. Outro era o caminho que passa ao campo de futebol, Leonardo, etc.; era o caminho de quem queria ir a Apúlia p'ró lado da areia ou do mar. Chamávamos o caminho da areia ou o caminho das Camilas.

Nota da direcção: Trata-se da opinião de uma colaboradora que respeitamos mas da qual discordamos. No próximo número diremos porquê.

(Continua no próximo número)

M.R.

CASAMENTO DO ANO... NO INFANTÁRIO



A capela improvisada

A ideia partiu de um grupo de crianças do Infantário de Fão. Como não há um currículo específico a seguir, mas subsistindo, por parte do educador, certo tipo de objectivos a atingir pelas crianças, foi decidido ir ao encontro do

desejo manifestado pelas mesmas, realizando entre elas um casamento em que todas participaram. Uma fizeram de noivos – Joana Filipa e Adriano Miguel; outras fizeram de pais dos noivos, e ainda outras actuavam como padrinhos, de meninos das alianças, de damas de honor e de convidados.

Como se trata de crianças com idades compreendidas entre os 3 e 4

anos, resolveu-se, para dar mais autenticidade à cerimónia, pedir a colaboração de um dos pais para fazer de padre. Ofereceu-se de imediato o pai do noivo, Adriano Faria do Nascimento que se desenvencilhou muito bem do cargo como



Os noivos à saída da igreja

pode deduzir pela fotografia, a actuação foi em cheio. A música faz parte da alma fangueira.

O êxito da festa foi total, mercê do empenho dos alunos, mas também da



Os noivos no altar



O grupo quase todo: Educadora - Luzia Leites Lima; auxiliar - Ilídia Maria; estagiária - Luísa; auxiliar - Marta Silva. Alunos: Joana Figueiredo, Adriano Nascimento, Helena Figueiredo, Celestino Maria, Daniela ferreira, Rui Pedro Santos, Andreia Hipólito da Silva, Hugo Ferreira, Ana Rita Pereira, João Filipe Araújo, Rui André Araújo, Adriana Silva, Viviana Monteiro, Catarina Marques, João Pedro Serra, Victor Filipe, João Daniel Pinheiro, Renato Portela, Diogo Santos, Paulo Figueiredo e Flávio Martins



O grupo musical em actuação

sermão muito a preceito.

Houve uma surpresa: para abrilhantar a cerimónia, actuou um grupo musical – Os Excesso – composto pelos alunos: João Pinheiro (Melão), Paulo Figueiredo (Duk), Renato Brito (Carlos), Flávio Martins (Portugal) e Diogo Santos (Gonzo). Como se

colaboração dos pais e do pessoal docente. Como se tratou de um casamento quase a sério, houve troca de alianças, baile, boda (lanche), corte do bolo pelos noivos e uma peça parenética (vão ao dicionário) de truz. E um toque de emoção: muitos pais comoveram-se mesmo a sério.

“Isto” aconteceu nos idos de Maio, mas nós só tivemos conhecimento há poucos dias. Entendemos, no entanto, dar-lhe o devido registo... para que conste e para provar que nos fangueiros a arte de Talma pega de estaca. Muito riríamos – já a jogar cartas com S. Pedro – se os noivos se casassem mesmo a sério.

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



FERTILIDADE E PRODUTIVIDADE

As instruções que acompanham os reagentes e material são bastante minuciosas, permitindo, mesmo a pessoas sem experiência de análise química, obter bons resultados, desde que as sigam rigorosamente. É certo que vêm na língua de origem do fabricante, mas há sempre possibilidade de pedir a alguém que as traduza.

As instruções também trazem, geralmente, indicações sobre as doses de adubação ou correcção, as quais terão de ser adaptadas às nossas variedades, solos e climas, através de alguns ensaios preliminares.

A colheita de amostras tem também as suas regras. Deve-se retirar o solo da camada sujeita a mobilização, a 10-12cm, em vários pontos do campo, se ele for uniforme (5 a 10 locais por cada 5ha), evitando lugares não característicos, como sucede junto a caminhos, valas, entradas, etc., e mistura-se bem, seca-se ao ar e retira-se o material grosseiro. Se o campo tem mais de 5ha, divide-se em porções com esta área e cada uma fornecerá uma amostra.

Se se trata de árvores ou vinha, devem-se tirar amostras, também a cerca de meio metro de profundidade. Estas não se misturam com as superficiais.

Se há vários tipos de solos na área onde se colham as mostras, procede-se do modo indicado, para cada tipo. As amostras dos

vários solos devem ser analisadas em separado. Mesmo quando o tipo de solo é uniforme, devem ser colhidas amostras separadas se há variações topográficas (pontos altos não se devem misturar com os baixos) ou erosão (onde o terreno é mais espesso devem ser tiradas amostras separadas dos locais erodidos).

Uma vez preparadas as amostras de cada 5ha, ou de cada tipo de solo, retira-se a quantidade necessária para análise, conforme as instruções, ou manda-se analisar aos serviços oficiais ou escolas superiores com estudos agrícolas.

Observação de campo

Um técnico experiente, conhecedor da região onde trabalha, pode avaliar, de modo aproximado, a capacidade produtiva dos solos por observação de certas características:

Textura do solo

Conclui-se que a fertilidade aumenta com a percentagem de argila, pois é nesta que reside o poder absorvente para os elementos nutritivos. Contudo, outros factores influem na capacidade produtiva. Os solos arenosos, por exemplo, são bem drenados, mas secos, aquecem facilmente e são bons de mobilizar. Sendo possível regá-los e fertilizá-los, sem esquecer o potássio, têm boa capacidade produtiva.

Os solos argilosos, em contrapartida, são mal drenados, exigindo uma rega cuidadosa, mas produzem melhor em sequeiro, se as culturas se prolongam até ao fim da primavera, por terem grande capacidade de campo. São difíceis de trabalhar e fendem muito quando secos.

Os solos francos têm características intermédias.

A presença de húmus também é importante, pois permite corrigir parte dos defeitos de cada tipo de solo, desde que não se permita a acidificação.

O calcário é bastante benéfico em solos argilosos pois também lhes aumenta a permeabilidade, embora os torne mais secos.

Vegetação espontânea – Há muitas plantas com exigências particulares, por isso chamadas indicadoras, por aparecerem onde o solo reúne essas condições.

Os terrenos encharcados, por exemplo, cobrem-se de juncos, caniços, etc. Os ácidos não apresentam leguminosas, mas estas abundam nos solos calcários.

Culturas e seu aspecto – Do mesmo modo, as culturas, conforme o aspecto, informam-nos sobre o terreno onde vegetam. Se as plantas são exigentes em humidade, só podem ter bom aspecto em solos frescos. Se

não gostam de acidez, o facto de se apresentarem bem desenvolvidas, diz-nos que o solo é neutro ou calcário.

Quanto à riqueza em elementos nutritivos, o bom aspecto nada quer dizer, pois pode resultar de adubação correcta, mas, no caso inverso, já podem denunciar a pobreza do solo, pois uma cultura amarelada, em geral, tem falta de azoto (se não for grande e segura) e, portanto o solo não é rico nesse elemento.

A falta de azoto também produz paragem ou redução de crescimento e mau afilhamento nos cereais.

A falta de fósforo dá origem a manchas vermelhas ou bronzeadas nas folhas, maturação atrasada e, nos cereais, baixo peso específico. Além disso, o desenvolvimento também é pequeno.

A falta de potássio diminui as pragas e doenças, causa amarelecimento das folhas a partir das margens e má formação de sementes e frutos.

A falta de outros elementos também produz sintomas característicos, mas de mais difícil interpretação. Só é de suspeitar dela, contudo, se as adubações em azoto, fósforo e potássio forem abundantes.

Análise foliar

O método actualmente mais usado para determinar as necessidades de fertilizantes para as culturas, é o de análise das folhas para determinar a quantidade de sais minerais nelas existentes.

Este método corresponde a uma importante alteração nos conceitos de produtividade e fertilidade do solo. Não interessa medir a riqueza da solução do solo, interessa, sim, saber qual a quantidade de elementos absorvidos pela planta. Se é suficiente, muito bem. Se não o é, fertilizamos. O solo é encarado apenas como suporte, veículo para a nutrição da cultura, e, às vezes, nem isso, pois a fertilização pode ser feita directamente sobre as folhas, que tem capacidade de para absorver os nutrientes.

Este ponto de vista deve ser encarado com prudência, pois o solo, como vimos, não é simples veículo para fornecer nutrientes. A sua acção é muito mais complexa, e aspectos como o pH, a estrutura, o arejamento, etc., são importantes.

Se não esquecermos estes aspectos, a análise foliar é um método de controlo importante e já generalizado em muitos países. Como se verá, os minerais devem encontrar-se em certas proporções nos compostos formados pelas plantas, e a falta de um impede a utilização de outros, mesmo que sejam absorvidos.

(Continua no próximo número)

TEVE MÚSICA

O nosso prezado assinante Marco Reis tornou-se um sorna de alto lá com ele. Morando no Ramalhão, passa os dias metido na loja ou café do Justino que está mesmo em frente à sua porta. A esposa bem o puxa para ele sair, dar uma volta por Fão, rever amigos fora da sua área. Tudo em vão. O Marcos não há maneira de despegar daquele sítio.

Um seu filho, José António Belo Reis, a viver em França, e muito bem lançado na vida, insiste com ele para o visitar na terra gaulesa. Mas o Marcos parece que tem chumbo no fundo das costas.

Pois há uns meses atrás o filho disse ao pai: se eu um dia o conseguir trazer até França, ponho-lhe uma banda de música à porta.

Por insondáveis desígnios da Providência o Marcos resolveu-se ir à terra gaulesa para assistir ao casamento duma filha. E lá foi. Qual não foi o seu espanto quando, num dos primeiros dias, topa com uma banda de música a tocar á porta de casa. Ficou siderado, surpreso, estupefacto, admirado, banzado e todos os ados que imaginar se possa.

Afinal o que aconteceu? Havendo uma festa na terra, o filho José António combinou com o mestre trazer a música a tocar em frente à casa.

E assim se cumpriu a promessa com grande gáudio dos habitantes para quem a música à porta fora uma surpresa.

Nunca tal tinha acontecido.

CASAMENTO

No dia 14 de Agosto realizou-se o casamento da nossa conterrânea, 2.º sargento do Exército, Sónia Portela, com o 1.º sargento António Teixeira.

Se a memória não nos falha, trata-se da primeira mulher de Fão a seguir a carreira militar.

Ao jovem casal desejamos um futuro promissor.

COOPERATIVA CULTURAL

Em data a designar, vai proferir uma palestra sobre o meio ambiente em Fão, o director da Área da Paisagem Protegida. Acharmos a sugestão uma ideia feliz. Os fangueiros devem comparecer em número elevado. A iniciativa partiu da Cooperativa.

— Outra palestra irá ser proferida em Fão a cargo do presidente Pinto da Costa, em data a designar.

DOENTE

O nosso conterrâneo José Faria Graça, filho do Zé Barbeiro, a viver presentemente em Grenoble (França), foi submetido recentemente a um transplante da medula.

A operação correu bem. O doente está a recuperar e todos esperam que a cura seja total e rápida.

EXPOSIÇÕES

No mês de Agosto decorreu uma exposição de pintura no Centro Cultural, da autoria de José Pedrosa. Esta mostra teve uma particularidade que a nós dizia respeito. O autor com esta exposição quis igualmente homenagear um seu antigo colega de trabalho que era o nosso conterrâneo Fernando Pimenta recentemente falecido.



“Era um indivíduo fixe, amigo do seu amigo, que eu muito admirava” disse-nos José Pedrosa.

Apesar disso, a frequência de visitantes foi frouxa. Como noutra local referimos, a publicidade foi diminuta. Entendemos que nos dois placards situados na Avenida António Veiga, que publicitam o posto de turismo, deviam colocar letras ou dizeres referentes à exposição. A esta e a outras.

Se és bairrista
utiliza o banco local

Se és bairrista
usa o Correio da terra

Se és bairrista
faz as compras em Fão

DAR SANGUE É DAR VIDA



SANGUE: dar hoje, para ter amanhã
SANGUE: o dever de dar,
antes do direito de o receber

NOVO TALHO
JACINTO

Carnes de Qualidade
"APÚLIA"

Talho 1 - ☎ (053) 981920

Talho 2 - ☎ (053) 981946

FAX (053) 981920

DESFOLHADA

No dia 19 de Setembro, às 15 horas, no sítio do costume: junto aos eucaliptos do Pacheco (era assim que se dizia antigamente), haverá a costumada desfollhada promovida, como sempre (o ano passado não faz parte deste sempre) pela Cooperativa Cultural de Fão.

A esposa do Zé Mena lá estará com os ingredientes do costume: milheiros, vinho, bolo de milho com sardinhas e os cooperantes apresentarão fados e guitarradas, mais beijos aos afortunados(as) que tirarem a vermelhinha.

Todos os sócios estão *intimados* a comparecer sob pena de serem acoimados de sornas, não bairistas, displicentes, madraços, anódimos, não-te-rais, indolentes, apáticos, ociosos, obstrutores, insurgentes e outros quejandos.

Direcção do F. C. Fão para 1998/99

Direcção - Presidente - Paulo Sérgio Reis Pedrosa Campos; Vice-Pres. - Manuel da Mora Reis; 1.º Secret. - José Luís da Silva Ribeiro; 2.º Secret. - Carlos Augusto Graça Barra Reis; 1.º Tes. - Ernestino Alves Magalhães; 2.º Tes. - Agostinho dos Santos Araújo; Vogais - José António Capitão Machado, José Soares Pedras, Manuel Gonçalves Ferreira, Carlos Pedras da Silva; Director para o Futebol Juvenil - João José Soares Pedras.

Assembleia Geral - Presidente - Júlio Devesa Sá Pereira; Vice-Pres. - Pedro Jorge Mota Faria; Secret. - Fernando Eurico Fonseca Gonçalves.

Conselho Fiscal - Presidente - Gustavo Gomes da Costa; Vice-Pres. - Jerónimo do Monte Alves; Relator - João Luís Ferreira Reis.

No próximo número publicaremos uma foto da equipa.

LEMBRANÇA LINDA

*Raiva? Frustração? Despeito
Oh! Não!... doçura!...
Dum amor que hei sonhado
Vivido como num sonho encantado
Em que foste o meu príncipe perfeito.*

*Morreu?! Acabou?! E isso importa?
E a beleza que deixou a recordar?
Alguém ma consegue apagar?...
Se o sol vai para o ocaso mal despona!
E tudo morre dia a dia sem dar conta!...*

*Heróis do meu castelo de ventura
Embalada em teus braços de ternura
Deixas-te o meu peito lá gravada
Ternura inefável e infinda
Daquela lembrança de amor tão linda
Que a saudade irá p'ra sempre recordá-la.*

MARIA ROSÁLIA

Prova de perícia

Na tarde de domingo, dia 30 de Agosto, realizou-se, por iniciativa da Cooperativa Cultural de Fão, uma prova de perícia automóvel.

Foi seu organizador o nosso conterrâneo Fernando Mendanha. Muito público, e muita animação a pedir mais incentivos do género.

Classificações:

Mini A - 1.º José Silva.

Mini B - 1.º Carlitos.

1500 C - 1.º Hugo Carvalho.

Tração-a-Trás D - 1.º (Auto Barcelinhos, Jorge Areias.

Diesel - Hugo Carvalho.

Melhor do Concelho - António Peixoto.

CANTINHO DE PORTUGUÊS

*Aonde - Trata-se de uma forma incorrecta.
- Deve substituir-se por onde numa frase que inspire quietação, paragem: onde moras tu? E por aonde numa frase que tenha o sentido de movimento: aonde vais tu?*

DE LUTO

Pela morte de um seu irmão, dr. Alexandre Henrique Sobral Torres, encontra-se de luto o nosso particular amigo dr. Manuel Sobral Torres.

Ao ilustre esposendense apresentamos sentidos pêsames.

FALECIMENTO

Ainda com idade para viver muitos anos, faleceu em Fão, um tanto inesperadamente, o nosso conterrâneo pedreirense Cândido Vilas Boas Soares.

Era sensivelmente da nossa idade e também da mesma rua. A Parca já começa a rondar a nossa porta. Oxalá se engane no caminho.

Condolências para a família.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário Regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarinho
João Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Rosália Oliveira
João Pedras
Carlos Mariz
Marta Mariz Mendes
José Maria Machado do Vale
Florinda de Almeida

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Rua de Cima, n.º 5 - 4740 FÃO
0931.9451867 / Telex. 02-6000295 / 053-981475

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Rua Elias Garcia, 129 - Telex. 615230/684318
PÓVOA DE VARZIM

Assinaturas de "O NOVO FANGUEIRO"
Anual..... 1000\$00

A cobrança de "O Novo Fanguero" através dos Correios será por conta do assinante.

Optica Oliveira

Aleixo Ferreira, L.^{da}

**Gabinete
de Optometria
e Contactologia**

Rua da Misericórdia, 4-6

Tel. (053) 275777 • Fax: (053) 271161 - 4700 BRAGA

PEDRAS QUE FALAM

Por MARIA SALOMÉ

Como os leitores já entenderam, as pedras têm, aqui, um sentido metafórico. Elas tanto podem falar da terra, como de mim própria: são tudo pedras e alma, assim é que está certo.

Hoje as pedras são alma e alma de verdade.

Em momentos de funda tristeza, dá-me para escrever uma caricatura de versos, soltos ou intelectuais, como agora se diz. Também lhe chamam brancos.

Eu, muito sinceramente, chamo-lhes uma poesia de cordel, uma luta entre o que sinto e a procura das palavras que se escondem.

Ela aí vai, a dita poesia pobre e, por isso, ousada.

*Não tenho pesar nem júbilo
Sou como um caldo sem sal
de nunca sentir o bem
Já nem conheço o que é mal!
Não tenho pesar nem júbilo
Sou como um caldo sem sal!*

*O barco levou umas pancadas fortes
Coisa já habitual
Mas a gente nunca se habitua
Deixá-los que se avenham...
Que há-de fazer uma mulher só
Que só tem lápis, papel e um coração
A não ser um mundo novo?*

*Noite de sobressalto
Noite de coisas partidas
Manhã de esperas
Sem esperança*

*Daquele jeito de... pode ser que venha
Sala soturna
Então pego em telas esquecidas
E semeio-as pela sala soturna*

*Houve quase um milagre
Só mais um bocadinho de luz
E era a certeza da esperança.*

MARIA SALOMÉ

Cartas ao Director:

Ex.mo senhor Director de "O NOVO FANGUEIRO"

Assinante desde os primórdios de "O Novo Fangeiro; que cada vez mais se vai afastando das suas origens, e, a esquecer as nossas coisas para dar lugar a outras que a Fão nada interessam, verifico, por exemplo, o seu âmbito familiar sempre largaente referenciado, reduzindo outras notícias à sua expressão mais simples, levam-me a lançar mão da minha velha caneta e observar, sem papas na língua, perante os meus conterrâneos.

Vejamos, pois:

Ao pegarmos no jornal e, de relance, passarmos os olhos sobre o mesmo verificamos que, de ponta a ponta, ele vem preenchido com notícias largamente difundidas, que em nada nos interessam, em prejuízo do que a Fão diz respeito, quando tanto há para dizer.

Reparo que no capítulo falecimentos entre os muitos casos que se poderia citar, leio que a D. Samarina Pereira, senhora por quem tive sempre a máxima consideração, era irmã do saudoso António Agonia Pereira, seu sogro; entretanto o nosso conterrâneo Fernando Albino Campos Alves Pimenta não era filho do saudoso doutor Júlio Pimenta, que tantos préstimos prestou a Fão, inclusivé a seu sogro, e irmão do nosso conterrâneo Raúl Campos Pimenta e da grande família Pinto de Campos?

Noto que o António Soares da Silva era filho do Adolfo Donana, a Rosa Gomes Penetra, a Maria Gonçalves do Monte, a Isabel Gonçalves Morim e o Penedo, eram simplesmente... o Penedo.

E, até, a Miquinhas Turra, que no coração do nosso povo ocupava um carinhoso lugar que as suas 105 primaveras referenciavam, bem como a exemplar Zairinha como o Berto e o Tino, não falando no "saudosíssimo Tião, não mereciam, além do seu beijo, pelo menos meia folha de "O NOVO FANGUEIRO", isto é, aquela meia folha tantas vezes ocupada por gentes que os fangeiros não conhecem nem nada nos dizem?

E, agora, ao passarmos ao campo social, ao sector "onde o Senhor Director oferece CANUDOS nem sei a quem" porque falharam os canudos das licenceadas Inês Cristina Sousa da Fonseca, filha do Jaiminho e da Ana Paula Carvalho do Monte, filha do falecido Cândido, ambas das Pedreiras, da parte oriental de Fão, onde bairrismo fangeiro é uma encantadora realidade, onde se cantam coisas novas alegremente e onde o antigo "Oh! Fão antigo... vai sendo ultrapassado pelo desgaste.

Senhor Director, muitas coisas mais poderia abordar; porém, vamos ficar hoje por aqui, lembrando que o nso mensário não se deve afastar das suas origens, do fim para que nasceu. A cidade já tem dois quinquenários e lá poderão contar que "a baleia enalhou na praia, que o sapo foi um brinhalhão e também, fazer a transcrição de factos da história antiga se assim o entenderem.

Quanto ao nosso jornalzinho, se bem pensar, tem muito que contar sobre a geração passada e sobre a presente para passar á futura.

Pedindo desculpa pelo espaço roubado, subscreve-se atenciosamente,

Barra Reis

Santiago de 1998

AINDA O PINHAL DE FÃO

Há semanas atrás, vi uns panfletos a convidar o povo de Fão a reunir para debater qualquer assunto relacionado com o pinhal. Mais adiante vejo os seguintes dizeres: "Vamos respirar tijolos".

Sempre gostei de saber o porquê das coisas e por conseguinte tentei saber o porquê de toda aquela propaganda.

Qual não foi o meu espanto porém, ao ser informada, que era por causa de umas vivendas que queriam construir em Ofir. Ao ser-me indicado verbalmente o local, ainda mais espantada fiquei.

Ó sr. presidente da Câmara: tenho de lhe pedir perdão. Então eu que fazia coro com os que dizem que a Câmara de Esposende só quer o progresso de Esposende e Apúlia e que Fão ficou estagnado, esquecido. Que a Câmara põe obstáculos a tudo quanto seja construções e progresso em Fão, e afinal quem mais prejudica Fão são algumas pessoas da própria terra. São uma minoria, bem

ALDEIA DAS AÇOTEIAS
REPARA-SE QUE A PISCINA NÃO SACRIFICOU AS ÁRVORES



sei. Afinal tanta verborreia e contestação em nome do pinhal não passa de luta política partidária.

Se não eu pergunto, que pinhal é que se vai estragar: umas varas completamente secas e onde não se vê indícios de qualquer rebento ou árvore jovem?

Que querem, afinal? Que Fão cresça, que Fão progrida, e que venha mais gente habitar Fão? Ou querem antes um Fão desértico, sem vida, sem gente, sem movimento? Saberão os contestatários que Fão nos últimos 50 anos mais que duplicou a sua área florestal?

Eu, que já tenho muitos anos, posso informar os senhores opositores, os tais que têm medo de respirar tijolos, que uma grande parte da floresta de Fão foi mandada semear nos anos 40 pelo Chefe de estado de então, Oliveira Salazar. Parte do que chamam hoje área protegida, era um imenso areal. Dunas e mais dunas. E os fangeiros não respiravam areia. Foi desde essa época para cá que

(Continua na pág. 7)